



BIBLIOTECAS  
DE LISBOA

**O ZÉ: sucessor do jornal O Xuão** – semanário de caricaturas e humorístico publicado em Lisboa, às terças-feiras, entre 1 de Novembro de 1910 e 1 de Março de 1919 — com um interregno entre 5 de Novembro de 1914 (n.º 208) e 6 de Abril de 1915 (n.º 209) —, num total de 324 números<sup>1</sup>.

## CONTINUIDADE DE O XUÃO

**O Zé**, como sempre manteve em subtítulo, era a continuação de **O Xuão**<sup>2</sup>, que terminara a 7 de Julho de 1910, numa circunstância política diversa. Como se lia na página [2] do n.º 1, em explicação dirigida “Ao Público”:

«Reaparece hoje o XUÃO, crismado com o nome de ZÉ. A monarquia desapareceu com os seus acólitos e mal pareceria conservar-se o nome do ditador a um semanário republicano. Uma explicação nos compete dar aos nossos leitores. O XUÃO interrompeu a sua publicação periódica porque a isso foi forçado pelos ínclitos defensores do regime monárquico. As querelas choviam sobre o nosso jornal, que foi perseguido sem dó nem piedade. Esta situação tornava-se impossível e por isso tivemos de suspender. Agora outro galo cantará. Pode-se brincar à vontade, chamar talassa ao Sr. António José de Almeida e jesuíta ao tio Bernardino, que eles não se ralam nada com isso e até nos acham gracinha.

O Correia Leal foi um ar que lhe deu e portanto toca a brincar demais a mais com o aumento de formato, que é uma beleza de hortaliça!  
— Suba o pano!»

Trocado no título o invocativo de João Franco pelo do Zé Povinho, o jornal era o mesmo, feito pelas mesmas pessoas: **Estêvão de Carvalho (1881-1935)** era seu diretor e editor (como fora diretor e proprietário de *O Xuão*), **Ricardo de Sousa** assegurava a administração (função que já tinha n’*O Xuão*) e **Silva e Sousa** prosseguia neste o trabalho de caricaturista que desenvolvera no seu antecessor. Só **Júlio Dumont (Orlando)**, que fora secretário de redação de *O Xuão*, não figurava no corpo redatorial de *O Zé*, embora colaborasse regularmente sob pseudónimo. Alteração de monta: a propriedade do jornal já não figurava sob a responsabilidade individual do seu diretor, mas sob a razão social da **Empresa do jornal O Zé**. A redação e administração mantiveram-se na Travessa da Espera, n.º 53, 1º, e a composição e impressão continuaram a cargo das oficinas de A Editora (Largo do Conde Barão, n.º 50); os preços mantinham-se: n.º avulso a 20 réis, assinatura anual, semestral e trimestral a 1000\$, 500\$ e 300\$, respectivamente.

<sup>1</sup> Cf. Osvaldo Macedo de Sousa, *História da arte da caricatura de imprensa em Portugal*, Vol. V, *Cronologia, dicionário biográfico, índices*, p. 17. A presente coleção da Hemeroteca Municipal de Lisboa é composta apenas de 247 números (até 28 de Dezembro de 1915), em três volumes com encadernação do editor. Naturalmente, esta ficha versa apenas sobre este acervo, e não sobre a totalidade da publicação.

<sup>2</sup> Sobre *O Xuão* e as personalidades que deste transitaram para *O Zé*, v. a ficha que lhe dedicou Álvaro Costa de Matos, “O Xuão” [disponível em linha em <http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/FichasHistoricas/OXuao.pdf>], cuja leitura introduz a que aqui se apresenta.

A **estrutura gráfica e a economia de conteúdos** eram praticamente as mesmas de *O Xuão*: oito páginas não numeradas por número, com a ilustração a ocupar a primeira página, as páginas centrais (em ilustração única de grande formato na horizontal, ocupando ambas as páginas) e a última, estando as restantes destinadas a texto em três colunas por página. Mantinha-se o editorial “Crónica” que já vinha do *Xuão* (que deixará de aparecer ao n.º 24). A separação de textos, como no título anterior, era feita por trevos, mas enquanto no *Xuão* a titulação das rúbricas se fazia com tipo de fantasia, no *Zé* o tipo será de fantasia e ilustrado. O *Zé* apresentava-se num formato maior (37,5 x 26,5) do que *O Xuão* (33,5 x 22,5) e, a partir do seu n.º 3 (15-11-1910) com uma paleta cromática mais variada.

Se o conteúdo gráfico respeitava uma distribuição fixa por páginas, também o texto se repartia n’*O Zé* por um conjunto de **rúbricas fixas**: “Crónica” (editorial, ass. “O Zé”), “Gazetilha” (sátira em verso, ass. “Presidente), “Tiro ao Alvo” (censura em verso a um destinatário variável, ass. “Orlando), “Lá vai mote...” (glosas satíricas em volta de um mote, ass. “Bomba” e “Amanuense”, entre outros), “Cinema... troça” (crónica chocarreira por “Orlando”), “Canta-se” (letrilhas satíricas sem assinatura), “Passes de Peito (críticas de touros)” (crítica tauromáquica, não assinada), “Ao Correr da Fita... (piadas)” (histórias de humor e anedotas, ass. “Ariel”), “Teatradas” (crónica teatral por “Oscar”) substituída ao n.º 13 por “O Zé no Teatro”, “Impossíveis” (sentenças humorísticas sobre a situação, não assinada, será a mais duradoura), “Cartas Abertas (A Correspondência)” (correspondência fictícia humorística, não assinada), uma “Secção charadística”, “Última Hora” (telegramas “picantes”, onde se empregava linguagem e expressões mais desbragadas, secção que durou poucos números), “Na 4ª página” (revista de imprensa, por “Procópio”).

## RESPONSÁVEIS E COLABORADORES



Redatores e colaboradores de *O Zé*, em fotografia publicada no n.º 53 (14 de Novembro 1911), p. [2]

Como fica claro pela assinatura das rúbricas, **a quase totalidade do conteúdo literário de O Zé era subscrito por pseudónimos**, prática que continuava o já verificado n' *O Xuão*. Contudo, a par dos já mencionados **Estêvão de Carvalho** e **Júlio Dumont** (pseud. **Orlando**), outros nomes se evidenciaram de entre os colaboradores: **Alberto Barbosa (1891-?)**, **Henrique de Carvalho**, **Eduardo de Carvalho**, **Artur Neves**, **Arlindo Boavida**, **Xavier de Magalhães (1885-1948)**, **Eurico Zuzarte (Leão Grave)**, **Armando Ferreira (1893-1968**, que assina por vezes o editorial "Crónica"), **José do Vale (1880-1917)**, **Joaquim Neves**, **França Borges (1871-1915)**, **Rodrigues Laranjeira** (pseud. **Ariejnaral**), **Silva Parracho** (pseud. **Vinício**), **Luís Ferreira** (pseud. **Lambisgóia**) e **António Xavier**.

Do lado da **colaboração artística**, o nome mais constante foi o já mencionado **Silva e Sousa**, que acompanhava o projeto desde os tempos de *O Xuão*. Mas também passaram pelas páginas de *O Zé* **Stuart Carvalhais (1887-1961)**, Alexandre Joaquim da **Fonseca**<sup>3</sup>, **Ferreira** e **Valente**.

Ao nível dos responsáveis pela publicação, pese embora a permanência de **Estêvão de Carvalho** como diretor, foram-se verificando várias mudanças de nomes: **Alberto Barbosa** figura como editor dos números 3 e 5, e, a partir do n.º 67 (20 de Fevereiro de 1912), surge no cabeçalho **Armando Ferreira** como secretário da redação; a partir do n.º 83 (11-6-1912), **Ricardo de Sousa** deixa de figurar como administrador, substituído do n.º 91 (6-8-1912) em diante por **Sertório Ramos**; **Arlindo Boavida** assumirá a secretaria da redação ao n.º 97 (17-9-1912), sendo o único cargo redatorial, juntamente com a direção e edição de **Estêvão de Carvalho**, que surge em cabeçalho a partir do n.º 157 (13-11-1913); o secretariado deixa de ser nomeado ao n.º 173 (5-3-1914), figurando apenas o diretor-editor; a 6 de Abril de 1915 (n.º 209) **Armando Ferreira** retomará o lugar de secretário da redação.

## SEDE E IMPRESSÃO

Por três vezes mudou *O Zé* de instalações. Começou por estar sediado no mesmo local onde estivera *O Xuão* (Travessa da Espera, 53, 1º), transferindo as suas redação e administração, a 1 de Janeiro de 1911, para o 1º Esq. do n.º 162 da Rua da Rosa. Finalmente, a partir de 15 de Dezembro desse mesmo ano, instalou-se no palacete da Rua do Poço dos Negros, n.º 81, 1º.

Mais variado foi o percurso das casas impressoras onde *O Zé* foi composto e impresso: iniciando-se em continuidade com *O Xuão* nas oficinas gráficas d'A Editora (Largo do Conde Barão, n.º 50), passou ao n.º 6 (6 de Dezembro de 1910) a sair dos prelos da Tipografia do Anuário Comercial (Praça dos Restauradores, 27), para se mudar ao n.º 12 (17 de Janeiro de 1911) para a Tipografia A Nacional (Rua da Conceição da Glória, 38-40). O n.º 18 (21 de Fevereiro de 1911) saiu da já referida Tipografia do Anuário Comercial, e o n.º 19, novamente, das oficinas de A Editora, regressando à Tipografia A Nacional (à qual nunca deixou de fazer publicidade) ao n.º 20. Mas a greve dos tipógrafos que de seguida eclodiu levou *O Zé* a procurar outras soluções: o n.º 21 foi impresso na Tipografia A Liberal, e o n.º 22, de novo, na Tipografia do Anuário Comercial (apesar de nestes dois números se indicar em cabeçalho a Tipografia A Nacional). A partir do n.º 23 estabilizará por algum tempo nesta última casa. De 8 de

---

<sup>3</sup> Cf. Leonardo de Sá e A. Dias de Deus, *Dicionário dos Autores de Banda Desenhada e Cartoon em Portugal*, p. 61.

Agosto de 1911 (n.º 39) em diante, as exigências cromáticas ditam um duplo trabalho tipográfico: a composição e impressão ordinárias do jornal fazem-se na Tipografia Nacional, a impressão a cores é feita na Tipografia do Anuário Comercial. Finalmente, a partir do n.º 64 (30 de Janeiro de 1912), o jornal passará a ser composto, impresso e gravado nas próprias Oficinas do Zé, sitas na Rua do Poço dos Negros, n.º 81 — agregando no mesmo palacete as valências de redação, administração e oficinas gráficas; ainda assim, a partir do n.º 206 (22-10-1914), foi preciso recorrer aos serviços da Litografia Mata de Rosa & Ferreira (Rua da Madalena, n.º 62 a 70) para os trabalhos de cor, situação que só terminou com a passagem de *O Zé* ao preto e branco ao n.º 240 (9 de Novembro de 1915).

## CURSO DE PUBLICAÇÃO

Como se referiu, *O Zé* iniciou atividade em linha de sequência direta com *O Xuão*, a que sucedeu após interregno de cerca de 5 meses. Todos os elementos remetiam para essa continuidade, desde o subtítulo simples de “sucessor do jornal *O Xuão*” até à numeração dupla, em contagem própria e em contagem continuada em relação àquele, passando pela estrutura redatorial, gráfica e de conteúdos que acima se pormenorizou. **O alvo do seu escárnio era exatamente o mesmo do do seu antecessor: a Monarquia**, agora já não em regime vigente, mas em oligarquia deposta e em debandada, ridicularizada nas figuras de D. Manuel II, de Couceiro, do Padre Matos, do Bispo de Beja e de todos os integrantes da corte proscrita, bem como nos casos em que uns ou outros fossem protagonistas (as tentativas restauracionistas, os escândalos pretéritos ou presentes, a vida amorosa de D. Manuel, etc.). Do mesmo passo, e por oposição óbvia, **eram louvados e homenageados os vultos dos dirigentes e heróis republicanos, sendo a República, ainda jovem regime, tomada como um bloco regenerador**. O tom era geralmente brejeiro (nos desenhos) mas caía *O Zé*, com alguma frequência, na obscenidade mais ou menos dissimulada, particularmente nos textos da rubrica “Última Hora”. Os números de Carnaval passavam, por norma, os limites da graça, descambando na ordinarice.

O sucesso do modelo, que não era novo, revelou-se logo aos primeiros números: o n.º 1 teve três edições<sup>4</sup> e, ao fim de três publicações, o balanço era claramente eufórico:

### «O Zé

Sucesso extraordinário  
Números a publicar

O número último do nosso jornal [n.º 3], dedicado ao grande herói Machado Santos, obteve um êxito fora do vulgar nestas publicações.

Se tanto do 1º número, como do 2º em poucas horas se esgotaram umas poucas de edições, com o último número sucedeu um caso extraordinário que poderá ser verificado por quem se queira dar ao incómodo de se dirigir à Editora, ou a qualquer empregado da dita casa.

Referimo-nos ao seguinte: durante 6 dias consecutivamente tivemos 3 máquinas trabalhando a fim de podermos satisfazer os inúmeros pedidos que a todos os momentos estávamos recebendo.

A nova edição do 1º número [a 3.ª], esperamos que ficará concluída no fim da presente semana.

Enfim podemos dizer sem receio de desmentido que, pelo menos, nos últimos tempos não apareceu jornal algum no género do nosso que conseguisse obter igual sucesso. Isto nos anima extraordinariamente e para corresponder à

---

<sup>4</sup> Cf. n.º 3, p. [3].

simpatia que *O Zé Povinho* nos dispensa, publicaremos o próximo número a 4 cores e apesar da dupla despesa litográfica o seu preço será o mesmo, 20 réis. [...]»<sup>5</sup>

Ao n.º 6 (6 de Dezembro de 1910), apareceu finalmente no cabeçalho um subtítulo indicativo da natureza d'*O Zé*, “semanário de caricaturas e humorístico”, que acumula com o da filiação n'*O Xuão*; a **publicidade** apareceu ao n.º 18 (28 de Fevereiro de 1911), em rodapé das páginas.

**Podemos datar de Março-Abril de 1911 a primeira “inflexão” de tom**, ainda discreta, por parte de *O Zé*. As greves dos tipógrafos, com que o jornal, conquanto prejudicado<sup>6</sup>, foi solidário, mostraram que o novo regime não sanara as questões sociais. ***O Zé não deixou de criticar os líderes que pareciam “titubear” nos princípios, como neste caso António José de Almeida — e, pela primeira vez, o alvo d'*O Zé* era o campo republicano.***

Logo em Maio seguinte verifica-se uma alteração de monta: **Silva e Sousa** deixa de ser o caricaturista, tomando o seu lugar, ao n.º 26 (9 de Maio 1911), **Stuart Carvalhais**<sup>7</sup>, que é assim apresentado sob um auto-retrato:

«José Stuart Carvalhais.

É essa cara-unhaca que os leitores aí estão vendo, o novo caricaturista do nosso jornal. Rapaz de valor incontestável, ele vem cheio de talento e de vontade de fazer muitas coisas bonitas para a nossa gazeta.

Traz a pinha cheia de ideias e faz bonecos com uma perna no ar.

Stuart Carvalhaes, quer e há-de fazer arte no nosso jornal, e todos os que têm o necessário senso para compreender que a caricatura verdadeira, não é uma cabeça fotografada sobre um corpo sem proporções, mas sim uma figura extravagante e exagerada, que fala, ri, chora ou zomba, mas sob a qual se adivinha um desenho correcto, todos os que isto compreenderem, hão-de dar-lhe o valor merecido, que em todos os países onde se vive da arte, se não nega aos artistas.

Ele não é desconhecido para o leitor pois já o nosso semanário tem publicado páginas dele, mas se o fosse bastariam para atestar quanto vale os seus trabalhos publicados na *Gargalhada*, *Suplemento ao Século*, *Ilustração Portuguesa*, no *Imparcial* e outros jornais diários, e na *Sátira*.

É um elemento de valor, um camarada de trabalho bondoso e risonho que muito nos prezamos de ter ao nosso lado, e a quem publicamente, aqui damos os nossos *salamaleques*, apresentando-o ao mesmo tempo ao leitor querido e à leitora também muito queridinha da nossa alma... ora essa!»<sup>8</sup>

Com a entrada de **Stuart**, não só as caricaturas de ordem (páginas 1, centrais e final) passam a ser suas, como se verifica um enriquecimento gráfico mais vasto do jornal: multiplicam-se por todas as páginas pequenas caricaturas por si feitas a preto e branco, sejam retratos de figuras mencionadas nos textos, sejam ilustrações alusivas aos conteúdos textuais. A ilustração n'*O Zé* ganha dinâmica, saindo do espartilho das páginas a ela exclusivamente dedicadas. Sendo breve a sua passagem pel'*O Zé*,

<sup>5</sup> N.º 4, p. [3].

<sup>6</sup> *O Zé* não saiu nos dias 21 de Março e 4 de Abril de 1911 por motivo de greve dos tipógrafos. Os números 21 e 22, que deveriam ter saído nessas datas, só foram publicados, respetivamente, a 28 de Março e 11 de Abril, recorrendo-se para isso a tipografias alternativas, como acima referimos.

<sup>7</sup> Stuart não era estranho ao jornal: nos números 13 (1ª p.) e 17 (1ª p. e centrais) já colaborara artisticamente nesta publicação, em conjunto com Silva e Sousa.

<sup>8</sup> N.º 26, p. [3].

**Stuart** assinará nas suas páginas um dos mais “radicais” postulados: o desenho final do n.º 29 (30 de Maio de 1911) onde, encimada pelo título «Uma pergunta à santa benevolência», uma ilustração com adeptos monárquicos pendurados em postes sob o riso da lua com barrete frígio, é rematada com a pergunta «Se em 5 de Outubro se tivesse feito isto, haveria agora conspirações?»

Foi, de facto, breve, a passagem de **Stuart** pelas páginas d’O Zé: o n.º 30 (6 de Junho de 1911), embora mantenha o seu nome no cabeçalho como caricaturista, já não conta com a sua colaboração. As caricaturas principais a cores na primeira página, centrais e páginas finais são de **Valente**, e as pequenas disseminadas no texto, a preto e branco, são de **Ferreira**. No n.º 31 (13 de Junho de 1911), embora o nome de **Stuart** se mantenha em cabeçalho, as caricaturas principais não assinadas parecem já de **Silva e Sousa**, e as pequenas a preto e branco são de **Ferreira**. Anuncia-se na página [2] deste exemplar:

«O próximo número d’O Zé  
Caricaturas de Silva e Sousa

O próximo número que sairá na 2ª feira 19, dia da abertura das constituintes, é dedicado aos deputados por Lisboa, publicando-se na página central o retrato dos 20 eleitos. Neste número extraordinário retoma a direcção artística o exímio caricaturista Silva e Sousa, que durante um mês andou afastado do nosso convívio, por desinteligências sem importância e tanto assim que no próximo número, repetimos, aí o teremos novamente a nosso lado, auxiliando-nos com o seu lápis, como há já três anos o tem feito com aplauso geral de todos os leitores.»

Ao n.º 32 (20 de Junho de 1911) **Silva e Sousa** volta a constar do cabeçalho como caricaturista, assinando as ilustrações a cores das páginas nobres, e continuando **Ferreira** a assinar as pequenas ilustrações no miolo, que desaparecerão paulatinamente até ao ocaso final.

Na parte literária, houve também mudanças. As rúbricas que, desde o início, ancoravam o texto, embora sem lugar fixo na paginação, variando a sua localização e ordem, vão progressivamente perdendo a rigidez de grelha, **tornando-se o jornal mais fluido de conteúdos**, cada vez menos compartimentados e definidos. Do mesmo passo, em meados de 1911, **o seu tom é já menos “chocarreiro” e mais “comentarista”, mantendo embora, naturalmente, a veia sarcástica**. Ou seja, **grosso modo passou nos textos de veículo caricatural ao comentário humorístico da vida política, e ganhou ares interventivos**. Paralelamente, a graça “artística” dos cabeçalhos das rúbricas vai desaparecendo, havendo um último fôlego nas ilustrações “dispersas” introduzidas por **Stuart** mas que não têm continuidade. Após menos de um ano de publicação, em Outubro de 1911, já poucas rubricas restarão: a separação de matérias é feita pelos títulos dos textos, em caixa alta mas sem ornamentos.

Pelo caminho, a “inflexão” d’O Zé contra o próprio campo republicano, no meio do qual se viu forçado a tomar partido, constituía já uma vertente editorial consolidada: exaltara a Lei de Separação de Afonso Costa, criticara o lugar constitucional reservado ao Presidente, num modelo dito importado de França (v. números 34, 35, 41 — mas enaltecera a eleição de Manuel de Arriaga, publicando-lhe mesmo uma homenagem em edição de luxo — v. n.º 42), censurara a benevolência para com os partidários monárquicos, causticara a Constituição que “enterrou” o programa do PRP (v. n.º 38) e censurara as lutas fratricidas entre facções republicanas, que desguarneciam a luta frente à ameaça comum do restauracionismo monárquico (v. n.º

43, páginas centrais). Com mais acinte, sobretudo a partir do n.º 51 (31 de Outubro de 1911), em virtude da decomposição do Partido Republicano, causticará os “divisionistas” do PRP, Machado Santos (jornal *O Intransigente*), Brito Camacho (jornal *A Lucta*) e, com particular veemência, António José de Almeida (jornal *República*), **tomando de certa forma o partido de Afonso Costa**, num *parti pris* que se adivinhava desde o início do jornal.

A 14 de Novembro de 1911 (n.º 53) *O Zé* celebra o seu 2.º aniversário, assinalando (com um lamento cínico ou irónico) em caricatura de primeira página os títulos que não resistiram ao tempo e jaziam já no cemitério das publicações: *O Raio*, *A Sátira*, *A Troça*, *O Berro*, *A Garra* e *O Adesivo*. Publica, na página [2], o seguinte editorial:

#### «"O ZÉ"»

Entrando hoje no segundo ano da sua existência, que veio suceder ao “Xuão” de ominosa memória, procurará manter a sua intransigente linha de independência, de honorabilidade profissional que tão cara tem custado à sua empresa que, vivendo apenas do favor do público, tem lutado com as maiores vicissitudes que só uma pertinácia constante a tem mantido ante a confiança e estima do povo. Não vão longe os dias, que a empresa d’”O Zé”, era arrastada aos bancos da “Boa Hora” porque causticava pelo lápis brilhante de Silva e Sousa e pela doutrina eloquente dos seus redactores, a quadrilha que tinha a saque o país, acobertada pelo símbolo monárquico. Hoje como ontem — continuaremos na invariabilidade dos nossos princípios, contribuindo dentro do limite das nossas forças, para o engrandecimento e perfeição da ideia que o mesmo será que dizer [*sic*] do regime pelo qual verteremos a última gota de sangue e queimaremos o último cartucho! [...]

De facto, o «favor do público» parecia suplantar em muito as «maiores vicissitudes»: **O Zé preparava-se para entrar numa fase de expansão editorial**, desde logo, e como anunciado neste mesmo número, **pela concentração de valências nas novas instalações da Rua do Poço dos Negros onde, pela primeira vez, contaria com oficinas gráficas próprias**. Seguir-se-á, em Janeiro e Fevereiro de 1912, a criação de novos títulos paralelos: ***O Revoltado***, que seria um bisemanário político dirigido por **Agostinho Fortes (1869-1840)**, e ***O Zezinho***, suplemento (juvenil?) sob a direcção de **Arlindo Boavida**<sup>9</sup>.

Estas iniciativas para estabelecer um “grupo editorial” que propiciasse uma ação (“doutrinária” e “orientadora”, como se dizia na publicidade ao *Revoltado*) mais ampla do que a que era viável a um órgão humorístico como *O Zé*, **eram talvez reflexo do desencanto que se ia percebendo na páginas do jornal para com o desempenho da República**. A entrada no segundo ano de publicação coincidiu com a desagregação do PRP e com a relativa pacificação dos restauracionistas, **deixando ao jornal a defesa de posições à esquerda**, causticando figuras como Eusébio Leão, Brito Camacho e António José de Almeida, mas poupando sempre (ou mesmo enaltecendo) Afonso Costa. Em suma, ***O Zé (Povinho) mostrava-se desiludido com a política republicana***, que não cumpria as promessas que lhe fez<sup>10</sup>.

**Mas os esforços foram baldados**. No caso do *Zezinho*, por absoluto amadorismo: ao cabo de oito ou doze números, o suplemento, que havia iniciado publicação a 8 de Fevereiro de 1912 (saía às quintas-feiras ao preço de 10 réis), foi suspenso em finais

<sup>9</sup> Cf. n.º 62 (16 de Janeiro de 1912), p. [2].

<sup>10</sup> V. ilustração bem reveladora a este respeito no n.º 64 (30 de Janeiro de 1912), pp. [4-5]

de Abril por motivos de trabalhos académicos do seu diretor, que era aluno no Instituto Superior Técnico<sup>11</sup>. Não retomou publicação. Quanto ao *Revoltado*, nunca chegou a ver a luz do dia. Anunciado para sair a 1 de Fevereiro de 1912, a greve geral de 28 a 30 de Janeiro anterior, e sobretudo a repressão que se lhe seguiu — com estabelecimento de estado de sítio na capital e suspensão das garantias cívicas —, inviabilizaram a sua publicação.

«Do Quartel General da 1ª Divisão do Exército recebemos a seguinte circular:

#### **Serviço da República**

Ex.mo Senhor — Por ordem de s. ex.<sup>a</sup> o general comandante da 1ª Divisão Militar de Lisboa, comunico a v. ex.<sup>a</sup>, para os fins convenientes, que as redacções dos jornais que se publiquem nesta cidade deverão mandar todos os dias, com a devida antecedência, a este comando, um exemplar do seu jornal, a fim de ser submetido ao seu exame, e sem o qual não poderá ser publicado.

Esta determinação revoga a anterior resolução de sua ex.<sup>a</sup> tomada sobre o mesmo assunto.

Saúde e Fraternidade.

Quartel General da 1ª Divisão do Exército e Governo Militar de Lisboa, 1 de Fevereiro de 1912

O chefe do Estado Maior

*João Pereira Bastos* (major)

O documento que transcrevemos é eloquente em demasia para que necessitemos dizer dos motivos que forçam a empresa do jornal “O ZÉ”, a reter a publicidade do jornal “O REVOLTADO”. Mais um caso em que o silêncio é oiro do mais fino quilate.»<sup>12</sup>

#### «O REVOLTADO

Em consequência dos últimos acontecimentos, que arrastaram atrás de si uma inesperada suspensão de garantias, tivemos que adiar a saída do nosso jornal, bem contra nossa vontade.

**O Revoltado**, que vai ser um jornal do povo e para o povo; como tal sem coacção de espécie alguma, apenas se ocupará dos problemas que ao país e ao povo interessem.

Dentro do campo doutrinário, muito há que dizer e fazer, onde, sem retaliações, abordaremos todos os assuntos nesta tribuna criada para os fracos e humildes.

A empresa proprietária, composta de filhos do povo e de trabalhadores, ao tomar tão pesado encargo para com o país inteiro, quis apenas criar um jornal doutrinário e de utilidade para o povo, deixando-o à jurisdição do cidadão que o dirige que é sobejamente conhecido e inútil se nos torna apresenta-lo com os costumados adjectivos que o povo já não toma a sério.

Durante a suspensão de garantias, o **Revoltado**, aguardará a hora de ver a luz do dia para seguir então a sua linha de combatente, que manterá inalterável em todas as fases da vida política porque, jornal doutrinário e do povo, sabe bem o respeito que à lei se deve.»<sup>13</sup>

A partir do n.º 64 (30 Janeiro 1912) O Zé passa a ostentar o subtítulo de “semanário de caricaturas a cores, crítico e humorístico”. Desde finais do ano anterior que publica pontualmente pequenas fotografias de figuras referidas nos textos ou neles homenageadas e, a partir de Abril de 1912 (n.º 73, de 2 de Abril) aproveita a margem externa das páginas para **publicidade** à Água da Cúria. Mais importante, **Silva e Sousa** deixa de colaborar no jornal a 20 de Fevereiro desse ano (n.º 67), deixando a

<sup>11</sup> V. n.º 77 (30 de Abril de 1912), p. [2].

<sup>12</sup> N. 65 (6 de Fevereiro de 1912), p. [2].

<sup>13</sup> *Idem*, p. [3].



função de caricaturista de ser referida em cabeçalho e passando os desenhos a saírem sem assinatura.

À entrada do terceiro ano de publicação, *O Zé* promete «novas secções; novos colaboradores, [que] virão com a sua verve tornar o nosso jornal o mais interessante possível, podendo nós garantir que de futuro *O ZÉ* será o primeiro jornal humorístico DE TODO O UNIVERSO.»<sup>14</sup>

De facto, o n.º 105 (12-11-1912), primeiro do 3.º ano, recupera o grafismo dos separadores de matérias ornamentados, mas os colaboradores, novos ou não, continuam a aparecer maioritariamente sob pseudónimo. *O Zé* passa a sair à quinta-feira, **Hipolyto Collomb (1892-1947)**<sup>15</sup> e **Alfredo Cândido (1879-1960)**<sup>16</sup> publicam nele pequenas colaborações artísticas, e a publicidade torna-se mais frequente<sup>17</sup>. Mas, sobretudo, **o ano de 1913 é o ano da desilusão de *O Zé* para com Afonso Costa**, tornando-se este, doravante, **o alvo preferencial da verrina deste jornal**. O motivo:

#### **«A IMPRENSA AMORDAÇADA**

##### **Abaixo a lei de excepção!**

Republicanos sim, mas não desvairados!

##### **A NOSSA ATITUDE**

Fomos um dos poucos, dos raros jornais que combateram a lei de excepção, contra a imprensa, requisitada ao parlamento pelo sr. Duarte Leite que não chegou a aplicá-la. Dela se utilizou agora o sr. Afonso Costa, brutal, despoticamente, começando por amordaçar os jornais monárquicos, passando como uma fúria sobre alguns jornais republicanos e acabando por tolher os movimentos aos jornais mais avançados.

Hoje, como ontem, combatemos essa lei perigosa que nos põe à mercê de paixões mal contidas e lamentamos que, num parlamento onde há jornalistas, estes se encolhessem debaixo das carteiras, ante o clarão pombalino do século XX.

Não a combateram os jornais republicanos, em tempo oportuno, julgando que só as gazetas monárquicas seriam atingidas pelo monstro. Pois aí têm o resultado do seu silêncio! Assõem-se a esse guardanapo!»<sup>18</sup>

E como a reviravolta de *O Zé* foi por demais evidente, viu-se este na necessidade de se explicar:

#### **«RESPOSTA À LETRA**

##### **Atoardas e calúnias – Como nós partimos os dentes aos que nos difamam**

##### **AINDA A NOSSA ATITUDE**

Certos fantoches politiquieiros que não sabem dizer duas palavras sem lhes porem no fim um viva ao sr. Afonso ou ao sr. António, entretêm-se a bordar considerações sobre a nossa atitude, dizendo, com as bocas a espumarem de sectarismo, que ***O Zé*** virou a casaca, não se lembrando já do tempo em que recebia favores do sr. Afonso Costa, do sr. Bernardino Machado e de outros republicanos de cotação, favores esses que deram vida ao jornal.

De há alguns anos que vimos fazendo o sacrifício de não falarmos, para desmentirmos a atoarda. Mas, já que assim o querem, falemos.

<sup>14</sup> N.º 104 (5 de Novembro de 1912), p. [2].

<sup>15</sup> N.º 116 (30 de Janeiro de 1913), p. [3].

<sup>16</sup> N.º 144 (14 de Agosto de 1913), p. [2].

<sup>17</sup> A partir do n.º 147 (4 de Setembro de 1913).

<sup>18</sup> N.º 130 (8 de Maio de 1913), p. [2].

Esses que inventam os tais favores caluniam e mentem como pêrros. Nem no tempo d'**O Zé** nem no tempo d'**O Xuão** recebemos favores de altos republicanos ou de coisa que se lhes pareça. Os únicos prestados cá à gazeta — nesse tempo não eram favores, eram ótimos meios de propaganda — foram os que nos dispensou o sr. Afonso Costa, que algumas vezes foi à Boa-Hora defender-nos da sanha que sobre nós incidia o sr. Correia Leal, na qualidade de delegado do ministério público. E, por isso mesmo, é que hoje atacamos o sr. Afonso Costa, na sua maneira de proceder com a imprensa. Ontem atacávamos os censores; hoje atacamos os apreensores.

Afonsistas nos julgavam os que, por escrevermos, como ainda hoje escrevemos, que o sr. Afonso Costa é o republicano mais esperto que avesamos, disso tiravam matéria para aventarem suposições. Enganaram-se, tenham paciência! Mas, pelo facto de não sermos afonsistas, não se segue que sejamos almeidistas, camachistas, machadistas ou qualquer outro palavrão. Temos sido republicanos; continuaremos a sê-lo. Mas carneiros que se intimidem com um **vou-me embora** não o somos.»<sup>19</sup>

Neste mesmo número, a caricatura de primeira página mostrava Afonso Costa a ver-se ao espelho — e o reflexo era João Franco. Estava dado o mote para o eixo temático de **O Zé** ao longo de 1913, que culminará com o regozijo pela demissão do ministério daquele em Janeiro de 1914<sup>20</sup>.

**A ferocidade no ataque a Afonso Costa foi o último sinal de vitalidade de O Zé antes do período de declínio que se inicia em 1914.** Logo a 21 de Fevereiro (n.º 171), um número com 18 páginas, mais do que o dobro do normal, no qual, na terceira página, pela primeira vez, publicidade a página inteira. A maior parte das caricaturas neste número serve propósitos publicitários, e a página 17 é mesmo designada em cabeçalho como “secção anunciadora do jornal **O ZÉ**”, estando repleta de anúncios. Os dois números seguintes (172, de 28 de Fevereiro, e 173, de 5 de Março) apresentam 10 páginas e os anúncios ocupam agora boa parte da metade inferior das páginas de texto. O n.º 174 (de 12 de Março) regressa às 8 páginas e o peso da **publicidade** diminui, embora se mantenha mais presente do que antes, dando “balanço” para que torne a crescer nos números seguintes até atingir quase metade do espaço dedicado ao texto.

A partir de Abril (n.º 177), a última página acolhe a série “Vultos políticos”, em que uma caricatura alusiva a personalidade política é acompanhada por poema chalaceiro assinado por “Maurício” (é uma série de 10 elementos, que acaba ao n.º 186).

**O que falta ao jornal em conteúdo satírico** — a partir de Setembro deste ano, o tema quase monopolista nas páginas de **O Zé** é a Guerra —, **parece compensar-se em actividades paralelas da empresa que o detém**: publica um Almanaque anual desde 1913 e arrisca-se numa “Biblioteca d'**O Zé**”, coleção literária de cariz «vuluptuoso», de que um dos títulos é *Amor e Histerismo*<sup>21</sup>. Vão longe os tempos doutrinários do projeto de *O Revoltado*.

No final do ano, **projeta-se passar O Zé a bissemanário** (às quartas e sábados), em formato maior e ao preço de 1 centavo (10 réis)<sup>22</sup>. Ironicamente, o mesmo número em que se publicita este desiderato será o único pelo tempo de 5 meses: **O Zé** suspende

<sup>19</sup> N.º 131 (15 de Maio de 1913), p. [2].

<sup>20</sup> V. n.º 168 (29 de Janeiro de 1914).

<sup>21</sup> Cf. n.º 198 (27 de Agosto de 1914), p. [2].

<sup>22</sup> Cf. n.º 208 (5 de Novembro de 1914), p. [2].

publicação entre 5 de Novembro de 1914 (n.º 208) e 6 de Abril de 1915 (n.º 209). Após esse interregno, o jornal regressará exatamente na mesma, como semanário das terças-feiras, com oito páginas das quais quatro inteiramente dedicadas a caricaturas. Muda sim, o cabeçalho, completamente redesenhado, onde *O ZÉ* de corpo inteiro é substituído apenas pela face da figura e separado do *lettering*. Deixa de se enunciar como “sucessor do jornal *O XUÃO*” e passa a ter como subtítulo “semanário de caricaturas a cores, órgão oficioso do humorismo radical”. O motivo declarado da suspensão foi uma acusação de difamação e injúria ao Presidente Manuel de Arriaga, com pedido de indemnização de 200\$00<sup>23</sup>. Absolvido, *O Zé* voltou a público.

Ao longo de 1915, **mantendo a Guerra como tema central**, *O Zé* passa a inserir na última página, com frequência, a reprodução de uma caricatura saída em periódico estrangeiro, traduzida a letragem. Em termos domésticos, mostra-se inicialmente favorável ao governo Pimenta de Castro, para em Maio, embora com reservas, saudar o movimento que derruba o seu ministério<sup>24</sup>. Em função do “rompimento” de 1913, teme pelo regresso de Afonso Costa, sentindo o cerco apertar-se:

#### «Pontos nos ii

[...]

Ora nós, pelos modos não damos há muito tempo vivas ao sr. Afonso Costa, não lhe lambemos as botas e chamamos Pombal, eis porque... vamos ser assaltados nestes mais próximos dias.

Também, tenham a certeza, não é assim que diremos: “Tinham razão... aderimos as democráticos.”

Se nós acusamos, se nós criticamos, defendam-se, pugnem pelos princípios, não façam calar a boca que acusa, à força... porque o efeito é contraproducente.

E não estamos para mais. Julgamos ter posto bem os pontos nos iii.

Anda uma criatura há tantos anos a combater, a lutar, por um ideal, por uma causa santa, para meia dúzia de *inconscientes* e *bestas*, liberais no rótulo, retrógrados na essência, fomentarem a discórdia, o desassossego e o ódio.

Se aquilo é república democrática... bolas para essa república!

O nosso passado dá-nos direito a gritarmos, sem medo que nos apodemem de falsos ou hipócritas:

**Viva a República livre dos tiranos disfarçados!**  
**Viva a República.**

F. de T.

\*

#### Aviso aos leitores

SE o próximo número não sair é porque morremos todos de uma *assaltite democrática* no esófago, que nem o *Separado* nos valeu.

F. de T.»<sup>25</sup>

Em Novembro de 1915 (n.º 240, de dia 9), ***O Zé* passa a preto e branco, adopta o subtítulo de “semanário de caricaturas, literário e noticioso” e reconfigura-se:** mantendo as 8 páginas, a caricatura fica limitada à primeira<sup>26</sup>; as páginas centrais passam a ser dedicadas a reportagens sobre a guerra, com grande aparato fotográfico;

<sup>23</sup> V. n.º 209 (6 de Abril de 1915), pp. [2-3].

<sup>24</sup> V. n.º 215 (20 de Maio de 1915), p. [2].

<sup>25</sup> N.º 225 (27 de Julho de 1915), p. [2].

<sup>26</sup> Com este número, a caricatura de 1ª página, assinada por **Fonseca**, passa a constituir uma série — “Coleção de bichos portugueses” —, cada uma dedicada a uma figura política convertida em bicho, que durará por 7 números, até ao 245 (14 de Dezembro de 1915).

a última página passa a ser inteiramente de publicidade; as restantes páginas incluem um ou outro elemento ilustrativo, seja caricatura, seja fotografia — tudo sem cor.

#### «AOS LEITORES

Estranharão por certo os leitores a mudança súbita das formas do nosso jornal. Mas, é preciso confessá-lo, a carestia absoluta das tintas, dos processos, a impressão dispendiosíssima a 3 e duas cores, tornara-se um pesadelo para a nossa vida. A crise tocou-nos como a todos. Hoje remodelámos a feição; mais modesta, não é por isso menos cuidada, nem é desprovida de todos os cuidados literários e artísticos. Apresentaremos, uma caricatura sempre, e, bastantes fotografias da guerra além de outras de assunto palpitante. Abrimos novas secções, e pomo-nos ao dispor dos charadistas para abrirem uma secção sobre este processo de distração. Ainda mais uma vez esperamos merecer, neste transe ocasional, neste período puramente transitório, a benevolência e a estima daqueles que são os nossos amigos de há tantos anos.

Repetimos: é uma transição devida à crise de todos os materiais tipográficos e litográficos que terminará um dia mais ou menos longe; procuraremos cuidar do jornal o mais que possamos esperando continuar a receber as provas de estima até hoje manifestadas.

Sem mais, às ordens

A empresa»<sup>27</sup>

Na verdade, **O Zé, tal como existia em 1910, tinha acabado**. Sem verve, acossado no seu próprio campo, sem apoio político que o amparasse. Era, em finais de 1915, um jornal de índole noticiosa, com forte componente recreativa e publicitária.

Por Pedro Teixeira Mesquita

Lisboa, HML, 24 de Fevereiro de 2014.

## BIBLIOGRAFIA

COTRIM, João Paulo, *Stuart : a rua e o riso*, Lisboa: Assírio & Alvim / El Corte Inglés, 2006.

*Dicionário cronológico de autores portugueses*. org. Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro, coord. Eugénio Lisboa. Vol. III. Mem Martins: Publicações Europa-América, [1994].

*Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*. Lisboa/Rio de Janeiro: Editorial Enciclopédica, Lda., 1978.

HOMEM-PESSOA, *O Bispo de Beja*, Lisboa: &etc, 1987.

*Jogo (O) da Política Moderna : desenho humorístico e caricatura na I República*, Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, 2010.

MATOS, Álvaro Costa de – “O Xuão” [Em linha] [Cons. 20 Fevereiro 2014] Disponível na WWW: <URL <http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/FichasHistoricas/OXuao.pdf>>.

---

<sup>27</sup> N.º 240 (9 de Novembro de 1915), p. [2].

SÁ, Leonardo de, e DEUS, A. Dias de, *Dicionário dos Autores de Banda Desenhada e Cartoon em Portugal*, Costa da Caparica: Época de Ouro, 1999.

SOUSA, Osvaldo Macedo de, *História da arte da caricatura de imprensa em Portugal*, Vol. II, *Na República, 1910/1933*, Lisboa: Humorgrafe/SECS, 1999; e Vol. V, *Cronologia, dicionário biográfico, índices*, 2002.